



Nova York 2140: Notas para uma Utopia Logística¹

New York 2140: Notes for a Logistics Utopia

Fabio Fernandes²

Resumo

Como definir uma utopia em tempos de Antropoceno? A obra do escritor estadunidense Kim Stanley Robinson tem se debruçado sobre modos de evitar a crise climática desde a década de 1990, com sua obra seminal *Red Mars*. Contudo, a partir da chegada efetiva do Antropoceno e do reconhecimento por cientistas de que o colapso do clima já está acontecendo, Robinson desloca o eixo de sua preocupação para pensar modos eficientes de compensar o estrago provocado por essa crise a partir de seu romance *Nova York 2140*, publicado em 2017. Neste artigo, defendemos que essa estratégia constitui uma “utopia logística”, ou seja, uma utopia cujo horizonte pode ser facilmente visto pelas pessoas que começaram a construí-la, ao contrário de utopias anteriores, onde esse horizonte estava num futuro distante.

Palavras-chave: ficção científica, Kim Stanley Robinson, utopia logística

¹ Uma versão reduzida e em inglês deste ensaio foi publicada no livro *Uneven Futures: Strategies for Community Survival from Speculative Fiction* (Cambridge: MIT Press, 2022), organizado por Ida Yoshinaga, Sean Guynes e Gerry Canavan.

² Jornalista e escritor, doutor e mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, onde é professor de Oficina de Texto no curso de Jornalismo, traduziu dezenas de livros, entre os quais *Laranja Mecânica* e *Belas Maldições*. Como jornalista, trabalhou nos jornais *O PASQUIM*, *O Globo*, *Tribuna da Imprensa* e *Valor Econômico*. Escreveu, entre outros, os romances *Os Dias da Peste*, *BACK IN THE USSR* (finalista do Prêmio Jabuti 2020), *Love Will Tear Us Apart* e os livros acadêmicos *A Construção do Imaginário Cyber* e *No Tempo das Telas* (com Pollyana Ferrari). É pesquisador de narrativas utópicas com pós-doutorado pela ECA-USP, membro do grupo de pesquisa *Comunidata* e líder do grupo de pesquisa *Observatório do Futuro*, ambos vinculados à PUC-SP.

Abstract

How to define utopia in Anthropocene times? American writer Kim Stanley Robinson's work has focused on ways to avoid the climate crisis ever since the 1990s, with his seminal work *Red Mars*. However, with the unequivocal coming of the Anthropocene and the recognition of ongoing climate collapse by scientists from all over the world, Robinson shifts the focus of his concerns to think of efficient ways to make up for the damage caused by this crisis in his novel *New York 2140*, published in 2017. In this article, we argue that this strategy constitutes a "logistic utopia", namely an utopia whose horizon could be easily seen by the ones who started to build it, contrary to previous utopias, in which said horizon was in a distant future.

Keywords: science fiction, Kim Stanley Robinson, logistics utopia

1. Kim Stanley Robinson dispensa apresentações: ele é um dos mais célebres escritores de ficção científica dos EUA. Publicou 19 romances e numerosos contos, e sua obra foi traduzida para 24 idiomas. KSR (como será chamado aqui a partir de agora) ganhou vários prêmios, incluindo o Prêmio Hugo de Melhor Romance, o Prêmio Nebula de Melhor Romance e o World Fantasy Award.

2. KSR é um autor difícil de rotular, mesmo dentro do gênero. Ele foi chamado de muitas coisas desde sua estreia no final dos anos 70: um escritor de ficção científica, um gênio da ficção científica obcecado pelo clima, até mesmo um escritor anticyberpunk, como disse em entrevista à *Wired Magazine* em 2018: "Cyberpunk era uma aberração (...) Elas eram um tanto antifeministas, com suas garotas hard noir. Era derrotista. Ou apolítico. Ou colaboracionista – como noir. Então eu os odiei e eles me odiaram."

3. Mas, na verdade, ele pertence a uma categoria à parte: o rótulo pelo qual é mais conhecido é Humanista. A única outra escritora a receber esse rótulo por críticos e estudiosos foi Ursula K. LeGuin, que KSR chamou de sua "mãe" em termos de escrita de ficção científica quando faleceu, em 2018. LeGuin, porém, voltava sua atenção fundamentalmente para a relação entre pessoas e ecossistemas. Tendo uma visão antropológica das coisas, ela preferia escrever sobre relações socioeconômicas-políticas.

4. A visão de KSR parece um pouco paradoxal à primeira vista: ele tem a mente de um engenheiro. Ele engendra problemas em sua ficção e depois apresenta soluções.

5. Mas, embora tenha a mente de um engenheiro, suas histórias não se enquadram nas velhas narrativas anteriores à *Era de Ouro*, onde os cientistas resolviam tudo com aparelhos gigantescos. (Donde o termo *Superscience* [Superciência], aparentemente cunhado em 1919 por Charles Fort em *O Livro dos Danados*, mas desde então usado em revistas populares, dando nome também a uma delas – *Super-Science Stories*, em 1940, editada por Frederik Pohl.)

6. Os cientistas de KSR ainda são heróis. Contudo, eles trabalham em conjunto com diversos outros tipos de especialistas, numa espécie de estrutura orgânica que proporciona uma abordagem holística dos problemas que aparecem nas histórias.

7. Este é definitivamente o caso de *New York 2140*, publicado em 2017, em que um dos personagens principais (pois uma das características de suas histórias é que não há um protagonista único, mas sempre um elenco de pelo menos meia dúzia, bem equilibrado ao longo da narrativa) diz o seguinte: “Você já percebeu que nosso prédio é uma espécie de rede de atores que pode fazer coisas? Temos a estrela da nuvem, o advogado, o especialista em construção, o prédio em si, o detetive da polícia, o homem do dinheiro... adicione o motorista da fuga e é a porra de um filme de assalto!” (*NY2140*, Kindle Edition, kl. 7264)

8. As histórias de KSR podem ser arquivadas sob o que Fredric Jameson chama, no seu livro *Arqueologias do futuro: O desejo chamado Utopia e outras ficções científicas* (2021), de uma utopia pós-moderna. E este pesquisador chama de *utopia logística*.

9. A saber: uma utopia logística é uma utopia cujo horizonte pode ser facilmente visto pelas pessoas que começaram a construí-la. Ao contrário de utopias anteriores, como a Revolução Russa, onde esse horizonte estava num futuro distante e as pessoas eram convidadas a fazer sacrifícios pelo bem comum, mas provavelmente não viveriam para ver isso dar frutos. Alguns estudiosos, como Orlando Figes, afirmam no seu livro *Rússia Revolucionária, 1891-1991* que este

espírito de auto-sacrifício do povo russo o ajudou durante a Segunda Guerra Mundial: “Um dos elementos mais importantes no esforço de guerra soviético foi o culto de sacrifício. O povo soviético entrou em guerra com a psicologia da década de 1930. Vivendo num estado de constante luta revolucionária, habituaram-se à ideia de sacrifício” (págs. 312-314).

10. Uma utopia logística traz à mente a ideia marxista de “revolução permanente”, defendida por Leon Trotsky no seu livro homónimo (1929).

11. KSR não se considera um trotskista, mas sim um socialista democrático: numa entrevista de fevereiro de 2019, ele mencionou que é um membro de carteirinha dos *Democractic Socialists of America*.

12. KSR também é um crítico do capitalismo, tendo dito isso diversas vezes em entrevistas e através de seus personagens em seus romances.

13. *New York 2140* (doravante denominado *NY 2140*) é uma espécie de romance inovador em sua carreira: um divisor de águas, se preferirem. É nesse livro que ele deixa de se preocupar em mudar a Terra para melhor e entende que isso não é mais possível, porque chegamos ao Antropoceno.

14. O Antropoceno é um termo cunhado pelo biólogo Eugene Stoermer no início da década de 1980, mas o químico atmosférico Paul Crutzen é creditado por tê-lo reinventado e popularizado, significando uma nova era de mudança devido à intervenção humana direta.

15. *NY 2140* é a história de uma cidade do século XXII que tem quase metade de sua superfície coberta por água, devido ao derretimento das calotas polares. A subida de aproximadamente 15 metros do nível do mar transforma Manhattan e outras partes da cidade de Nova York naquilo que os seus habitantes chamam (não sem alguma ironia) de Super-Veneza. A cidade italiana é palco de

um fenômeno conhecido como subsidência, ou seja, o rebaixamento gradual de sua superfície, que cria a sazonal *Acqua alta*, quando grande parte da superfície da cidade fica ocasionalmente coberta na maré alta. E assim como Veneza, a cidade de Nova York aprendeu a lidar com o resultado dos dois Pulsos que inundaram parte dela. A cidade é bastante funcional e os seus habitantes esforçam-se por mantê-la assim.

16. Daí o termo utopia logística: desde o início do romance, através de Vlade (o especialista em construção mencionado na nota 7), aprendemos que o trabalho para garantir que eles permaneçam à tona (literal e metaforicamente) é constante: literalmente porque o edifício devem ser constantemente tratados com novos materiais para evitar o desmoronamento com a erosão marinha. Metaforicamente porque estas coisas consomem dinheiro e ainda precisamos de dinheiro e de mercados neste futuro.

17. Porém: o acontecimento principal nas primeiras páginas do livro é o desaparecimento de Mutt e Jeff, dois analistas de dados que se tornaram desonestos após hackear um banco de dados bancário. Em última análise, o objetivo deles era se vingar do sistema, destruindo-o por dentro – algo um pouco parecido com o que acontece em *Clube da Luta*, mas com método. (Naturalmente, as coisas não acontecem da maneira planejada e eles pagam o preço por isso.)

18. O que torna *NY 2140* diferente de uma distopia comum, onde o hacker solo consegue derrubar a corporação do mal, é a logística. Mutt e Jeff não conseguem fazer isso sozinhos (eles tentam antes do romance começar, e são sequestrados e mantidos como reféns em um contêiner subaquático, até serem resgatados por uma equipe de resgate praticamente por acidente), e acabam unindo forças com a equipe citada acima, para ter justiça e vingança contra o sistema.

19. Em citação extraída do texto: “Há cerca de duzentas grandes cidades costeiras, todas tão submersas quanto Nova York. Tipo um bilhão de pessoas. E estamos todos molhados, estamos todos no precariado (...) Todos queremos justiça e vingança.” (*NY 2140*, kl. 7282)

20. Embora existam algumas coisas que possam parecer um pouco exageradas, como uma espécie de *deus ex machina* (dois ratos d'água adolescentes, Stefan e Roberto, tropeçam em uma fortuna em barras de ouro recuperadas de um navio inglês do século XVIII, e esse dinheiro permitirá que eles, com o resto da equipe mencionada acima, comprem o prédio onde a maioria deles mora, ou deseja), a história faz sentido.

21. O referido edifício é a torre Met Life, que se tornou uma enorme cooperativa, com jardins na cobertura e também *hotellos*, ou seja, tendas para acomodar hóspedes, já que a habitação ali está totalmente ocupada e é para toda a vida (uma das protagonistas, o detetive de polícia Gen Octaviadottir, uma mulher negra – uma homenagem a Octavia E. Butler – herda o apartamento de sua falecida mãe). Boa parte da história se passa no refeitório comunitário do Met Life, durante almoços e jantares.

22. KSR já tinha feito isso antes, principalmente na trilogia de Marte, e também em *23/2*, onde grande parte das interações entre os personagens acontecem durante as refeições comunitárias. Seus romances enfatizam o trabalho do coletivo sempre que possível. Seus mundos não são os mundos dos heróis solo, mas da coletividade. Afinal, um bom esforço logístico exige trabalho em equipe.

23. A comida é muito importante na obra da KSR. Normalmente, nas narrativas de ficção científica, temos primordialmente uma situação em que as necessidades básicas dos personagens são tidas como certas. A este respeito, a maior parte da ficção científica não difere muito da literatura convencional do final do século XIX ou início do século XX. Autores como Henry James, Marcel Proust, Machado de Assis e Eça de Queiroz raramente escreveram sobre comida, exceção feita para descrições requintadas de banquetes (sendo Proust a exceção, tendo transformado as madeleines em verdadeiros dispositivos de viagem no tempo). É uma espécie de cenário pseudotópico pós-escassez.

24. Em algumas histórias de ficção científica, a comida recebe grande importância – mas apenas por uma questão de sobrevivência. Um dos principais exemplos que vêm à mente é *Make Room! Make Room!*, de Harry Harrison! *Soylent Green* é gente – mas há muitos outros, como *The Road to Nightfall*, de Robert Silverberg, onde o canibalismo é a lei implícita de um EUA pós-apocalíptico.

25. Outro exemplo – muito especial – é *Duna* (2021), A especiaria é o alfa e o ômega de tudo nesse universo. Dois slogans dentro da narrativa chegaram ao imaginário popular: *A especiaria deve fluir* e *Quem controla a especiaria controla o universo*. A comida em *Duna* é vista como algo análogo ao petróleo, ou seja, uma fonte de energia, mas também algo que pode ser transformado em arma. Alimentação como controle.

26. Mas num número menor de histórias, a comida não é ignorada nem vista como algo que pode saciar a fome. A comida é vista como sustento diário. Mas é visto através de uma espécie de prisma logístico, isto é, através da teia de relações relativas à produção, ao comércio (ou à troca, em mais do que alguns casos) e ao consumo. Isto é visto principalmente, geralmente, em histórias pós-apocalípticas, mas também em algumas utopias muito particulares. Dois exemplos que vêm à mente são *The Postman* (2020) de David Brin, e *Os Despossuídos* (2019), de Ursula K. LeGuin.

27. *NY 2140* não se concentra na comida, mas na experiência comunitária de comê-la. Isso fornece o pano de fundo para muitas das interações entre os personagens do romance.

28. *NY2140* faz referência a romances pós-apocalípticos como *The Drowned World*, de J. G. Ballard, por exemplo. Mas KSR não escreveu uma distopia. Este é um apocalipse na medida em que você considera que todo apocalipse é um fim de ciclo e não um fim de mundo.

29. A história se passa após o que KSR chama de Segundo Pulso, um evento que inunda metade da cidade de Nova York. A cidade é a protagonista, e KSR deixa isso claro ao longo da história, com

diversas epígrafes intercaladas ao longo do livro.

30. Talvez pudéssemos dizer que *NY 2140* é o *Moby-Dick* de KSR. Sua baleia branca, porém, não é exatamente uma inimiga, mas uma amiga. Talvez *inimigo* seja a palavra certa, ou talvez seja necessário inventar uma nova palavra para explicá-la. A baleia está à vista de todos, ou claro: é a cidade de Nova York, ou pelo menos a sua parte submersa.

31. KSR pode muito bem ser o Melville do século XXI, tanto no tema como no estilo: por exemplo, o seu uso de muitas epígrafes ao longo do volume corresponde (mesmo que de forma distorcida) à infinidade de epígrafes no começo de *Moby-Dick*.

32. Esta menção aos substantivos coletivos acima foi escrita no estilo do próprio KSR, que provavelmente a emprestou de Borges e de seu amor por listas.

33. Melville também é referenciado mais de uma vez em *NY 2140*. Uma cena do romance se passa em frente ao seu túmulo, e o escritor aparece como um fantasma na lembrança de um dos personagens.

34. Scott Beauchamp disse num artigo escrito para a *The Atlantic* que a ficção científica da KSR pode não ser ficção daqui a 300 anos. Mas ele o escreveu em 2013, resenhando *2312*. *NY2140* estava ainda a quatro anos no futuro, mas, a julgar pelas mudanças climáticas, sua previsão poderia acontecer muito antes.

35. Pois o foco de KSR tem mudado ligeiramente desde a Trilogia de Marte. Ele parou de defender a terraformação da Terra, como fez no início da década de 1990, quase sem sucesso (isto é, fora da esfera de influência científica, que, infelizmente, não se revelou muito influente no que diz respeito à esfera política.)

36. Embora KSR já estivesse interessado no trabalho do coletivo para fornecer soluções eficazes para grandes problemas, como escreveu em *Blue Mars* (2009). Mais tarde no romance, eles realizam um conselho para discutir alternativas, e um dos Primeiros Cem, Vlad, propõe desta forma: “Estamos propondo um sistema complexo, com esferas públicas e privadas de atividade econômica. Pode ser que peçamos às pessoas que dediquem, ao longo da vida, cerca de um ano do seu trabalho ao bem público, como no serviço nacional da Suíça. Essa reserva de mão-de-obra, mais os impostos sobre as cooperativas privadas pelo uso da terra e dos seus recursos, vai nos permitir garantir os chamados direitos sociais que temos discutido – habitação, cuidados de saúde, alimentação, educação – coisas que não deveriam ser como a mercê da racionalidade do mercado.” (ROBINSON, 2009, p. 145.)

37. E Vlad conclui: “O mercado sempre existirá. É o mecanismo pelo qual coisas e serviços são trocados. A competição para oferecer o melhor produto ao melhor preço é inevitável e saudável. mas em Marte será dirigido pela sociedade de uma forma mais ativa. Haverá status de organização sem fins lucrativos para questões vitais de suporte à vida.” (ROBINSON, 2009, p. 145.)

38. E assim por diante. Mas, se a trilogia de Marte termina sem uma solução concreta para este dilema, *NY 2140* nos leva vários passos adiante na consecução desse objetivo – talvez porque se trata de algo mais concreto (porque a cidade de Nova York está lá e podemos extrapolar com muito mais facilidade a partir do que ela existe do que a partir de uma possibilidade?).

39. Conclusão: *NY 2140* é tão importante para uma discussão do Capital sob o Antropoceno que pode muito bem ser o Grande Romance Americano do século XXI até agora – ou do Capitalismo Tardio dos EUA, se preferirem.

40. É revigorante ver alguém que se preocupa em como viver as nossas vidas diariamente,

cumprindo totalmente a definição de Lyotard do pós-modernismo como a narrativa menor, oposta ao épico. Por mais paradoxal que seja, este romance é provavelmente o melhor romance já escrito sobre a cidade de Nova York - ou, pensando bem, sobre qualquer grande cidade do mundo.

REFERÊNCIAS

BEAUCHAMP, Scott. In 300 Years, Kim Stanley Robinson's Science Fiction May Not Be Fiction. **The Atlantic**. Disponível em:

<https://www.theatlantic.com/entertainment/archive/2013/04/in-300-years-kim-stanley-robinsons-science-fiction-may-not-be-fiction/274392/>. Acesso em: 16 fev. 2024.

FIGES, Orlando. **Revolutionary Russia, 1891-1991**. New York: Metropolitan Books, 2014.

JAMESON, Fredric. Trad. Carlos Pissardo. **Arqueologias do futuro: O desejo chamado Utopia e outras ficções científicas** São Paulo: Editora Autêntica; 1ª edição 2021.

ROBINSON, Kim Stanley. **Blue Mars**. New York: HarperVoyager, 2009

ROBINSON, Kim Stanley. **New York 2140**. London: Orbit, 2008.

ROGERS, Adam. **The Climate-Obsessed Sci-Fi Genius of Kim Stanley Robinson**.

Disponível em: <https://www.wired.com/story/kim-stanley-robinson-red-moon/>. Acesso em: 16 fev. 2024.